

CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE EM AMBIENTES ESCOLARES

RITIELE BARBOSA COITINHO¹; ROSE ANNE LEGORIO MARQUES²; EMILY MACIEL DA COSTA³; LUCIANO MAFFEI F. DE OLIVEIRA⁴; ANA LAURA CRUZEIRO SZORTYKA⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – ritielecoitinho@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – roseannelm@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – emilymaciel.c@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – luciano.maffei@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – alcruzeiro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é referente a um relato de experiência, prática desenvolvida em uma escola pública da região periférica da cidade de Pelotas/RS. A atividade prática surgiu a partir do projeto de extensão, cuja proposta é discutir sobre sexualidade e questões importantes que permeiam este espectro com adolescentes em ambientes escolares. BERALDO (2003) defende que a família é a primeira estrutura de socialização que a criança tem contato. Com ela, desenvolvem-se crenças, valores e condutas baseadas na vivência e cultura que os indivíduos estão inseridos. Devido a relevância do tema, torna-se fundamental que a escola exerça seu papel como instituição social e amplie a discussão acerca do assunto. Segundo LIBÓRIO; CASTRO (2009), os profissionais de educação identificam cada vez mais a necessidade de incluir em seus projetos pedagógicos intervenções que vão além da prevenção da gravidez precoce, ao passo que envolva também a dimensão da afetividade e sexualidade que esta temática traz como urgência. A escola, como um lugar privilegiado é o mais importante equipamento social e permite um espaço formativo direcionado a crianças e adolescentes.

A concepção de sexualidade esteve durante muito tempo atrelada somente a atividade sexual, reduzindo a questões puramente biológicas (SAITO; LEAL, 2000). Iniciar a discussão conceituando a sexualidade da forma correta torna-se neste contexto imprescindível para que se possa compreender a complexidade do tema e todas as questões que o permeiam. Segundo TEIXEIRA et al. (2018), com base nas publicações encontradas no período de 2011 a 2016, há um consenso na defesa de que a sexualidade pode ser entendida como um fenômeno complexo e multifacetado que abarca conhecimentos produzidos social e historicamente e permeia entre as áreas da Antropologia, Educação, Ciências Médicas, Psicologia e Sociologia. Aspectos políticos, econômicos e culturais também influenciam diretamente nas questões atreladas ao desenvolvimento da sexualidade. Esta é inerente e faz parte do desenvolvimento da personalidade dos indivíduos, portanto conhecê-la, compreendê-la e estudá-la é fundamental.

Vivemos em uma sociedade que estimula a atividade sexual, ao mesmo tempo que reprime a expressão desta. Associada a falta de diálogo com a família e situação de vulnerabilidade social corrobora para conflitos internos no período adolescência (ALMEIDA, 2008). O exercício de orientação sexual descrito neste trabalho tem por objetivo esclarecer questões relacionadas a sexualidade livre de estigmas, tabus e preconceitos. Propiciar aos alunos um ambiente acolhedor possibilitando um momento de troca de informações, conscientização, esclarecimento e reflexão também delineou a construção do trabalho. Além disso, viabilizar um momento para que os adolescentes pudessem problematizar

questões naturalizadas, identificar situações de risco, bem como estratégias de enfrentamento foram imprescindíveis para a realização de um trabalho efetivo. Não obstante, incentivar o diálogo com os responsáveis, educadores e profissionais da saúde tornou-se fundamental para auxiliá-los na vivência e expressão da própria sexualidade.

2. METODOLOGIA

O projeto Se Toca – Discutindo Sexualidade nas Escolas teve sua intervenção estruturada em quatro encontros com temáticas específicas e inter-relacionadas. Foi aplicado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jeremias Fröes, localizada em um bairro periférico da cidade de Pelotas. A delimitação dos temas baseou-se em pautas emergentes de uma população jovem em estado de vulnerabilidade social. O primeiro grupo foi formado por turmas do nono e oitavo anos, onde foram realizados quatro encontros, com periodicidade semanal de duas horas de duração cada, totalizando um mês. O sétimo e sexto ano formaram o segundo e terceiro grupo, respectivamente, sendo o último composto de duas turmas. Todos com a mesma estrutura, porém adaptados para sua faixa etária, totalizando três meses de intervenção.

A estratégia principal de abordagem dos assuntos foi expositiva-dialogada com recurso audiovisual disponibilizado pela Universidade Federal de Pelotas. A intervenção foi iniciada por uma dinâmica de apresentação seguida da distribuição de papéis com a finalidade de sanar dúvidas e curiosidades que pudessem surgir ao longo dos encontros. Esta ferramenta possibilitou que a cada encontro os alunos pudessem questionar de forma anônima as dúvidas que surgissem. Após isto, houve a exposição do cronograma estruturado pelas temáticas principais de cada encontro, sendo o primeiro a conceituação da educação sexual, questões gerais da sexualidade e adolescência, além de transformações corporais, sociais e comportamentais da puberdade; o segundo voltado para questões atreladas à dimensão biológica: Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), métodos contraceptivos e gravidez na adolescência; o terceiro encontro com enfoque nas questões de gênero e suas implicações na construção social; e por último, o encerramento que consistiu em dinâmicas e jogos lúdicos que abarcaram todas as temáticas desenvolvidas ao longo do módulo. O presente trabalho terá enfoque nas questões relacionadas ao primeiro encontro que permeiam temáticas com ênfase na Psicologia como atuação em ambientes educativos.

Neste primeiro encontro, iniciamos apresentando as principais transformações físicas e sociais da puberdade, além de questões da adolescência relacionadas a hormônios, corpo, emoções, identidade. A menstruação também foi um tema importante, abordado com a finalidade de explicar como é o ciclo menstrual, fases e sinais. Esclarecer questões relacionadas a menstruação livre de estigmas foi essencial para estimular um debate acerca da naturalidade deste fenômeno no corpo das mulheres. Após isto, explanamos as diferenças do muco cervical e do corrimento vaginal a fim de conscientizá-los sobre a importância de cuidar da saúde e higiene do aparelho reprodutor e estar atento aos sinais que o corpo dá, reforçando a importância de ir regularmente ao profissional de saúde. Seguidamente, iniciamos o debate sobre pelos em homens e mulheres e como construção de masculinidade e feminilidade são fatores fundamentais para a perpetuação do estereótipo e desigualdade de gênero. Ao fim desde primeiro momento, procuramos dar ênfase na diversidade corporal, problematizar

questões de preconceito com corpos fora dos padrões impostos e enfatizar a importância da autoaceitação.

Em um segundo momento, explicamos como é um trabalho de orientação sexual e como os adolescentes se beneficiam das informações compartilhadas. A diferença entre sexo e sexualidade também foi um tópico importante a ser esclarecido. Dada esta temática, dentro da dimensão da sexualidade procuramos conscientizá-los sobre a amplitude do tema elucidando assuntos como gênero, identidade de gênero, orientação sexual e também sobre a assexualidade, reforçando a importância da expressão da própria sexualidade, sem que haja exposição de risco para si e para outros. Hímen, virgindade, iniciação sexual, masturbação e orgasmo também foram temas importantes a serem debatidos. Além disso, foi possível refletir sobre o que é uma sexualidade saudável sem desconsiderar a singularidade de cada um, nem criar estereótipos, regras e normas, enfocando no consentimento, segurança e vulnerabilidade como conceitos fundamentais para se pensar o tema. Por fim, elencamos algumas questões que influenciam estar ou não pronto para iniciar a atividade sexual reforçando a atenção para possíveis sinais de abuso e violência sexual e os orientando a quem recorrer, caso aconteça.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que a intervenção pudesse surtir o resultado esperado, a comunicação teve de ser adaptada a realidade dos alunos, bem como à sua faixa etária. Houve grande repercussão em todas as turmas que ampliaram a discussão e participaram de forma ativa das intervenções. As observações individuais e posteriormente compartilhadas por cada integrante do projeto viabilizou elencar um parecer sobre cada grupo. O primeiro, cuja faixa etária varia de 15 a 17 anos demonstrou euforia e agitação e aparentou sarcasmo ao tratar dos assuntos como se estes fossem irrelevantes. A todo o momento esforçavam-se para demonstrar já “dominar” as questões tratadas. Perguntas sobre menstruação e gravidez dominaram este grupo e questões relacionadas a consentimento e desigualdade de gênero foram significativamente bem aceitas e debatidas no grupo com conscientização e maturidade. O segundo grupo, que apresenta uma faixa etária entre 13 e 14 anos, comparado aos outros grupos, mantiveram-se com maior participação e atenção às questões levadas. As perguntas também variaram bastante: masturbação, ereção, tamanho do pênis, dor nas relações e transgêneros. O terceiro grupo, com faixa etária entre 11 e 12 anos dividiu-se em desatenção e curiosidade, as perguntas tiveram maior enfoque na iniciação sexual.

Em todos os grupos houve certa aversão dos alunos ao tratar de assuntos como pelos em mulheres. A maioria conservava a ideia de que pelos representava a masculinidade e mulheres deveriam obrigatoriamente depilar-se. Fotos do muco cervical também causaram certa repulsa, principalmente nos dois últimos grupos. Estes também demonstraram rigidez quando se debateu sobre a violência sexual. Em ambos os casos, alguns alunos pronunciaram-se para reforçar a culpa da vítima - comumente mulheres - em situações de estupro e especialmente no segundo grupo um aluno reforçou a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, outros, especialmente meninas articularam-se em defesa da vítima.

4. CONCLUSÕES

Educar sexualmente os jovens é prepará-los para a vida sexual de forma segura, provocá-los para a responsabilidade de cuidar do próprio corpo para que não ocorra situações futuras indesejadas como violência sexual, contração de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e gravidez precoce. É imprescindível que o compartilhamento das informações com os adolescentes seja feita de forma responsável e honesta e estimule o senso crítico e reflexivo destes.

Levantar debates acerca de assuntos naturalizados que perpetuam relações desiguais como corpos, gênero, orientação sexual os fez desnaturalizar certas crenças e pensar criticamente a respeito de várias temáticas e sobre o quão diversa é a sexualidade. Tornou-se imprescindível uma estratégia que superasse a antiga metodologia de educação sexual pautada na dimensão biológica e limitada a prevenção da gravidez e doenças. Portanto, a construção da intervenção baseou-se em questões mais amplas que contemplassem a demanda dos adolescentes. Autonomia, autoestima e autoconhecimento foram balizadores dos temas propostos a fim de implicar em uma reflexão crítica sobre o que pode ser saudável no que tange a sexualidade. O respeito e a responsabilidade com si e com o outro também foram valorizadas nos encontros visando a desmistificação de questões naturalizadas, que, com a viabilização de informações, possibilitam uma maior flexibilidade do pensamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA A. C. C. H. de. **A enfermeira no contexto da educação sexual dos adolescentes e o olhar da família.** 2008. 105f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Paraná.

BERALDO, Flávia Nunes de Moraes. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. **Psicologia escolar e educacional**, v. 7, n. 1, p. 103-104, 2003.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. **Educação sexual na escola.** Pediatria, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

TEIXEIRA, Camila Sabino; ARAÚJO, Cleide Sandra Tavares; DE SOUZA, Edna Duarte. **Sexualidade e Educação Sexual: a produção científica brasileira e a conceituação básica adotada.** In: Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE)(ISSN 2447-8687). 2018.

LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M. Juventude e sexualidade: educação afetivo-sexual na perspectiva dos estudos da resiliência. **Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira.** São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 185-217, 2009.